

## Os aproveitadores em cena

Os aproveitadores de sempre já tentam engordar seus ganhos com aumentos de preços, tomando como pretexto a desvalorização cambial. No meio da confusão – o novo regime de câmbio mal começou a operar –, muitos consumidores podem ser convencidos pela conversa dos espertalhões: afinal, desvalorização e inflação acelerada sempre andaram juntas, não é mesmo? Não, nem sempre. Tailândia, Coréia do Sul, Malásia e Indonésia tiveram desvalorizações cambiais muito maiores do que a ocorrida no Brasil nos últimos dias. No entanto, Tailândia e Coréia do Sul acumularam em 1998 um aumento de preços ao consumidor próximo de 4%. Na Malásia a inflação deve ter ficado pouco acima de 5%. Só na Indonésia houve um desastre – um aumento de 78% nos 12 meses terminados em novembro –, mas por causa de condições políticas excepcionalmente desfavoráveis. Pouco mais de um ano antes, no final do terceiro trimestre de 1997, todas essas economias estavam sendo abaladas por uma devastadora crise financeira, com o câmbio descontrolado, bolsas afundadas, sangria de capitais e quebra de bancos. A crise brasileira neste início de ano nem de longe se assemelha à dos países do Pacífico em 1997. Por que a inflação deveria disparar?

Já há notícias de aumento de 20% em preços de fertilizantes, no interior de São Paulo. Algumas lojas na capital do Estado providenciaram remarcações de preços no final da semana. Muitos produtos, alega-se, têm componentes importados. É verdade, mas o componente representa apenas uma fração dos custos. Se o insumo estrangeiro correspondia, antes da mudança cambial, a 30% do custo de um produto, um reajuste de 20% no valor do dólar deve resultar num aumento de custo de 6%. Mas essa participação varia de produto para produto e, no conjunto da economia brasileira, o peso da mercadoria estrangeira é muito menor: a importação representa cerca de 8%, apenas, do Produto Interno Bruto (PIB) do País.

As projeções de inflação têm variado, nos últimos dias, de 5% a 15%. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, mencionou a faixa de 5% a 6% como projeção do governo e de alguns institutos de pesquisa. Rigorosamente, nem se dispõe de números para cálculos confiáveis, mesmo porque ninguém sabe ainda em que nível se deterá a desvalorização imposta pelo mercado. Numa análise



se séria, uma depreciação cambial nem representa, necessariamente, um fator inflacionário, mas uma alteração de preços relativos: produtos dependentes de importação ficam mais caros. Mas nada impede, em princípio, a redução de outros preços – se houver, por exemplo, uma boa oferta de produtos agrícolas. Além disso, um aumento de exportação, permitido pelo câmbio mais favorável, pode ampliar a produção de alguns setores. Se isso ocorrer, haverá uma redução de custos fixos por unidade produzida. Não há como converter estas hipóteses, neste momento, em números. Mas todas elas podem materializar-se, em alguma proporção. Em outras palavras: ninguém tem base para projeções confiáveis, por enquanto.

Pode-se ensaiar alguns cálculos a partir da estrutura de índices de preços, tomando como base o peso de cada produto. Mas esses cálculos só serão corretos se nada mudar no comportamento do consumidor. Se faltar disposição, ou dinheiro, para continuar comprando o produto X na mesma proporção de antes, a empresa terá dificuldade para manter o aumento de preço. A política monetária, dis-

se ontem o ministro da Fazenda, será utilizada para manter baixa a inflação. Quem quiser tirar proveito da situação, elevando preços de forma abusiva, contribuirá, portanto, para manter os juros elevados. O ministro mencionou também a busca do equilíbrio fiscal como forma de manter a inflação baixa. Em prazo mais longo, este deve ser o principal fator de estabilidade. De imediato, porém, a política monetária apertada continua a ser indis-

pensável para desencorajar a exploração de preços. A rápida aprovação das medidas de ajuste fiscal pode contribuir, no entanto, para aumentar a confiança na economia brasileira e favorecer o ree-

**Tailândia e Coréia do Sul continuam com inflação baixa. Por que deve ser diferente no Brasil?**

equilíbrio das contas externas. Neste caso, o risco da especulação com preços deverá diminuir e será possível afrouxar mais velozmente o crédito e os juros. O presidente da República dirigiu ontem uma advertência aos aproveitadores. Mais importante que advertir é deixar claro que nada justifica uma volta à espiral inflacionária e reafirmar, com toda a clareza, o compromisso com a estabilidade.